

Auto do  
Descobrimento  
(o romanceiro de vagas descobertas)



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUM E LESSA - VICE-REITORA

---

**DIRETORA DA EDITUS**

MARIA LUIZA NORA

**Conselho Editorial:**

Maria Luiza Nora – Presidente

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Elis Cristina Fiamengue

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourice Salume Lessa

Lourival Pereira Junior

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Paulo dos Santos Terra

Ricardo Matos Santana

---

Jorge de Souza Araujo

# Auto do Descobrimento

(o romanceiro de vagas descobertas)

2ª edição - revista e ampliada

Ilhéus - Bahia  
2007



Editora da UESC

©1997 by JORGE DE SOUZA ARAUJO

2ª edição: 2007

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

### CAPA E ILUSTRAÇÕES

Marilda Castanha

### DIAGRAMAÇÃO

George Pellegrini

### REVISÃO

Maria Luiza Nora

### EQUIPE EDITUS

**Direção de Política Editorial:** Jorge Moreno; **Revisão:** Maria Luiza Nora, Aline Nascimento; **Coord. de Diagramação:** Adriano Lemos;  
**Designer Gráfico:** Alencar Júnior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A658 Araujo, Jorge de Souza.  
Auto do descobrimento (o romancero de vagas descobertas) / Jorge de Souza Araujo. – 2.ed. rev. e ampl. - Ilhéus : Editus, 2007.  
98p. : il.

ISBN: 978-85-7455-132-6

1. Teatro histórico. I. Título

CDD – 869.925

---

Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533

exercício de saberes  
de vagos descobrimentos  
de ondas em vãos momentos  
de nadas e de não seres



Para  
Izi, Ciça, Elisa e Bárbara, filhas,  
Jorge Marcelo e Gabriel, netos,  
e para  
Valdelice Pinheiro,  
Jane Kátia Voisin,  
Baísa Nora  
e Carla de Quadros Araújo  
— vagas do amor absoluto  
descobertas nada vagas



## Histórico de contradições

Maria Theresa Abelha Alves

Esta obra da moderna dramaturgia brasileira utiliza um gênero herdado do teatro vicentino e transportado para o Brasil pela didática jesuítica — o *auto* — e conjuga-o com outra forma quinhentista portuguesa, mas que ainda se mantém viva no nordeste brasileiro — o *romanceiro*. Com esse efeito de citação, propõe uma outra versão para o descobrimento do Brasil, versão que descobre o que a história oficial encobriu e que ensina o quão efêmeros são os descobrimentos. O cenário do auto é a paisagem de Porto Seguro. Além das personagens históricas, contracenam neste auto portugueses, índios e negros. Espaço e personagens metonimizam o Brasil e sua pluralidade racial.

Composto em 1980, no período final da ditadura militar, este auto rouba dos jesuítas a intenção didática, procurando catequizar os brasileiros (no caso leitores da obra ou público presente à sua representação) para uma outra atitude frente aos fatos e à vida: a reflexão. Sendo assim, o auto é um convite ao pensamento questionador e criativo. No Brasil, durante os anos amordaçados, a literatura se fez a interlocutora social que o autoritarismo não conseguiu silenciar. Se a ditadura fornecia uma história oficial de onde se suprimiam as heterogeneidades, impondo sua lógica social por meio de uma visão ingênua, teleológica, unidirecional, cabia à literatura iluminar a assimetria entre o representado e a representação, e investir no reconhecimento de que a lógica é produto de constructos sócio-culturais. É com semelhante intenção desconstrutora que Jorge de Souza Araujo, simultaneamente à celebração da chegada das naus de Pedro Álvares Cabral às águas de

Porto Seguro, conta, com letra nova, a velha história para servir de exemplo ao presente. Se dúvidas podiam ser lançadas à história oficial da Descoberta do Brasil, fato definido no passado, dúvidas podiam ser lançadas sobre o registro histórico de fatos contemporâneos. Elabora, assim, teoreticamente, a relação do país com sua temporalidade, fornecendo alternativas problematizadoras do racionalismo e monologismo oficiais. Para tanto, ao se voltar para o emblemático ano de 1500, investe na multitemporalidade, desmontando o tempo cronológico e retilíneo da história, propondo, em contrapartida, a simultaneidade temporal, questionando, por conseguinte, toda a colonização e todo colonialismo. *Auto do Descobrimento* pode inserir-se assim na literatura dita “da resistência”, revelando um outro modo de crer na história que consiste em negá-la como verdade única.

De um saber intertextual, dialogante com a cultura européia que os navegantes trouxeram em suas caravelas, com as mandingas e batuques trazidos pelos navios negreiros, e com todo o hibridismo que caracteriza uma cultura de fronteira, como é a brasileira, faz-se o auto, composto de um monólogo inicial e um final e de cinco romances.

Para os monólogos é convocada a figura do CEGO, figura bissêmica: de um lado o ancestral aedo, tal como o concebera a tradição da Grécia antiga; de outro, o cego-cantador que difunde o cordel nas feiras e festas sertanejas. O CEGO, recontextualizando versos de *Os Lusíadas* e de *Mensagem*, apropria-se do discurso do colonizador nas versões poéticas que o celebraram, ao celebrarem a “gente que cruzou a Taprobana” e “o começo involuntário” (p. 6-17) para, ao fragmentar o cânone literário português em suas figuras de proa — Camões e Fernando Pessoa —, fomentar uma versão nova para os velhos fatos. O CEGO recusa-se a reproduzir a versão oficial, porque aprendeu, com a linguagem aforística do

vulgo, que “brasa ao seio deita/ quem se honra com erro alheio” (p. 18). Confirma, portanto, no seu monólogo, a condição de “livre enredo” (p. 17) da história que se encena. No monólogo final, retoma o “plaudite” das comédias de Plauto e de Terêncio, como fora retomado pelo teatro quinhentista. O pedido de aplauso é, no entanto, assumido como efeito de distanciamento que possibilita a revisão crítica, à maneira do teatro épico de Brecht, por isso o CEGO convoca, imperativamente, a platéia a refletir.

O primeiro “romance” tem como protagonistas os navegadores Cabral, Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho. O primeiro apresenta-se destituído da glória com que se pintam os heróis, pois é um desconhecido, não bafejado pelos ares dos fados e dos sucessos, movido pela “mor ventura [de] servir longo ao rei, dar-lhe riqueza” (p. 21), movido, portanto, pela “vã cobiça” que o Velho do Restelo definira como sendo o dínamo das viagens de descobertas. Bartolomeu Dias, num discurso interrogativo, pergunta sobre o Oriente e encena a construção dessa parte do mundo pelo centralismo ocidental. Ele, que foi o descobridor do Cabo da Boa Esperança, da “ponte” para o Oriente, é incapaz de promover o elo entre os dois mundos, pois só reconhece o outro, narcisicamente, a partir de si. Nicolau Coelho se apresenta como aquele a quem só interessa a viagem enquanto aventura. Através dos três emblemáticos nautas, desmonta-se a concepção de uma história centrada em tutelares “barões assinalados”.

No segundo romance, contracenam os marinheiros do Descobrimento. Cabral, não se reconhecendo no perfil de herói, declara “comigo findará meu nome e glória” (p. 26). O auto, que assim prediz o desaparecimento do nome do Capitão, confere o estatuto de descobridor ao anônimo Grumete que emitiu o brado duplo — “Terra à vista! Terra à vista” (p.27). Já desembarcados, os nautas tomam posse da nova terra, tecendo-lhe auspiciosos

augúrios provenientes da concupiscência de posse de que se investem. Ecos da *Carta de Caminha* se fazem ouvir. Aqui também se ilumina a falácia do projeto missionário face ao projeto econômico dos descobrimentos, quando Frei Henrique, depois de um pronunciamento no latim eclesiástico, convoca “homens de proceder / bom e de boa vista para governá-la e melhor / servi-la ao reino de Deus” (p. 29), ao que Bartolomeu Dias retruca dizendo “que bons homens hoje é má / tarefa de encontrar” (p. 29). O advérbio de tempo — hoje — tanto serve ao tempo do enunciado quanto ao da enunciação. Como se não bastara isso, a oração do capelão da armada, proferida durante a Primeira Missa — “Afastai, Senhor, da nova terra / os homens cobiçosos / as honras vendidas [...] Repeli os malvados / que por força vierem / oprimir ou matar / os nativos tão dados” (p. 35), não obteve o agrado de Deus, pois o desenrolar de nossa história tem mostrado que não lhe faltam cobiçosos, vendidos e malvados.

O terceiro romance retoma a aventura dos Degredados que ficaram na terra recém descoberta, quando a armada prosseguiu viagem para a Índia. Qual esfinge, o Degredado se define como “enigma, verso e adverso” (p. 43) que carece de tradução. Os degredados eram criminosos que estavam fora do sistema valorativo e ideológico de Portugal. O auto desmascara a relatividade das leis ao desvelar que um e outro degredados eram criminosos precisamente por não possuírem “a cega e vã cobiça” ou “o egoísmo e o tenaz pecado do poder” (p. 43). Deles é o início da miscigenação que caracteriza o povo brasileiro.

O quarto romance, entre os ecos de Sebastianismo, e os da saga da linda Inês de Castro — mitos identitários portugueses que também se recitaram em cantares sertanejos —, coloca no proscênio os tribunais da Inquisição, a colonização mediante o sistema de capitânicas hereditárias, a missionação emergente, a

saga bandeirante, a diáspora negra. Muitas são as figuras desse romance. Em primeiro lugar, o Inquisidor Louco e Pero de Campo Tourinho, donatário da capitania de Porto Seguro. Através do interrogatório a que este é submetido por aquele documenta-se a “loucura” do sistema jurídico brasileiro, loucura que não permaneceu só no passado. Em seguida, há um Jesuíta (que ora recupera a figura de Anchieta a tecer loas à Virgem na areia da praia, ora a de Padre Vieira a admoestar os reinóis) que contracenava com um índio, Iaponan, que, na sua “incultura”, prova o quanto é sábio, e há um Bandeirante, reconhecido pelo índio como o Demônio de cujo mal ouvira falar na catequese. Em lugar de enaltecer a saga bandeirante, o auto registra o rastro de sangue e destruição deixado pela corrida ao ouro e aos índios de corda. Desse romance fazem parte também os escravos africanos, metonimizadas pelo Negro Zambi e pela Mulher Zambi, e englobados no anônimo Coro de Negros. Com relação à exploração da mão-de-obra africana ou ameríndia, as razões do Bandeirante se chocam com as do Jesuíta. Desvelam-se, assim, as contradições da colonização brasileira entre o sentido religioso de culto e o sentido político de cultura, como domínio de terra para o cultivo e de gente para a fazer produzir, sentidos co-existentes tanto no radical da palavra colonização, quanto no projeto civilizatório e colonialista português. Pontuando esse cadinho de raças, ouve-se o brado do Degredado por uma harmonia racial, urgente desde a colonização, mas que ainda não se fez.

O último romance traz de volta as figuras do primeiro e, com elas, retalhos dos textos canônicos que tanto marcaram a cultura portuguesa. Ouvem-se trechos da *Carta de Caminha* que demonstram o incontido desejo dos viajantes de se reconhecerem nos espaços descobertos, desejo, em suma, de apagar as diferenças, o que define a colonização. O auto propõe a vaga descoberta

do que está atrás da história, o seu outro lado, e destrona as verdades oficiais que se forjaram ao longo dos séculos. Para servir de metáfora a tal destronamento, a obra se oferece para ser encenada na festa do Divino, quando um rei menino é entronizado para, posteriormente, ser destituído do trono.

Esta é uma obra para ser lida, representada e apreciada, principalmente num tempo em que, ao se comemorarem os quinhentos anos do Descobrimento do Brasil, a festa oficial ainda se fez de encobrimentos e exclusões.

(Texto originalmente publicado como resenha na revista SCRIPTA. PUC-Minas, Belo Horizonte, v. 4. n.8, 1º semestre 2001, p. 420-423)

TAL A FALA INICIAL  
De anunciações, demandas  
Esboços, perfis, retratos



## CEGO

Nobre, gentil e valeroso povo  
que ora vos dais em testa  
para glória do lugar e honra da festa,  
antes de anunciar e dar começo  
à nossa representação  
três coisas vos peço e encareço  
e para cada uma delas a mor atenção  
cuidai:  
corpo quieto, olho aceso  
mãos prontas para aplaudir  
vaia nenhuma ou chiste leso  
contrário a gente deste sítio  
logo e longe se irá daqui.

Se acaso não estiver a contento  
o lugar que vos acomoda  
suplico que procureis lugar melhor  
onde ver, ouvir e sentir possais  
com mui largueza  
o que houver para ocupar vossos sentidos  
nessa nossa comédia, de muito siso,  
riso nenhum e nem tristeza.

Desculpas, de bem antes, já vos rogo  
se acaso algum tropeço  
vos causar minha voz tão baixa e a vista curta.  
De muitos outros males padeço.  
De quadros assim tão breves  
e tão remotos  
não me cabe qualquer serviço.  
A culpa toda é do vate  
que engendrou tudo isso.

— Não vale jogar tomate  
pois o maldito  
nem se encontra no recinto.  
Tudo o que faço ou digo  
aqui não minto.

Juro por Santa Bárbara  
padroeira dos navegantes  
depois do que aqui se conta  
cabeça nenhuma virá a ser  
como dantes.  
Por outra, prender-vos-á a comédia  
— real ou inventada — já se verá  
e usai da imaginação  
que usada com viço  
o vazio cobrirá.  
As armas e os barões assinalados  
da gente que cruzou a Taprobana  
e o soldado Luís cantou em versos  
tomam hoje lugar em nosso drama.  
Tudo com muita fermosura  
fama ainda a vir e pouca riqueza,  
como é de notar por essas cercanias  
onde o pobre trabalha tudo  
e o rico, ninharias.

Cuidaremos da louca aventura humana  
da audaciosa gente lusitana  
em direção do Brasil  
onde o que mais se descobre  
há muito já se encobriu.  
A história que contamos

tem livre enredo e sentimento  
e se passa muito ao acordo  
de nosso ledo entendimento.  
Não há, pois, neste drama  
batalhas sanguinosas  
disputas intestinas  
combates prolongados  
fatos que o cenário não permite  
nem se mostram apropriados  
a dia de celebração.

Antes, crede na palavra  
que é farta, cria, dá vida  
e não aprova contestação.

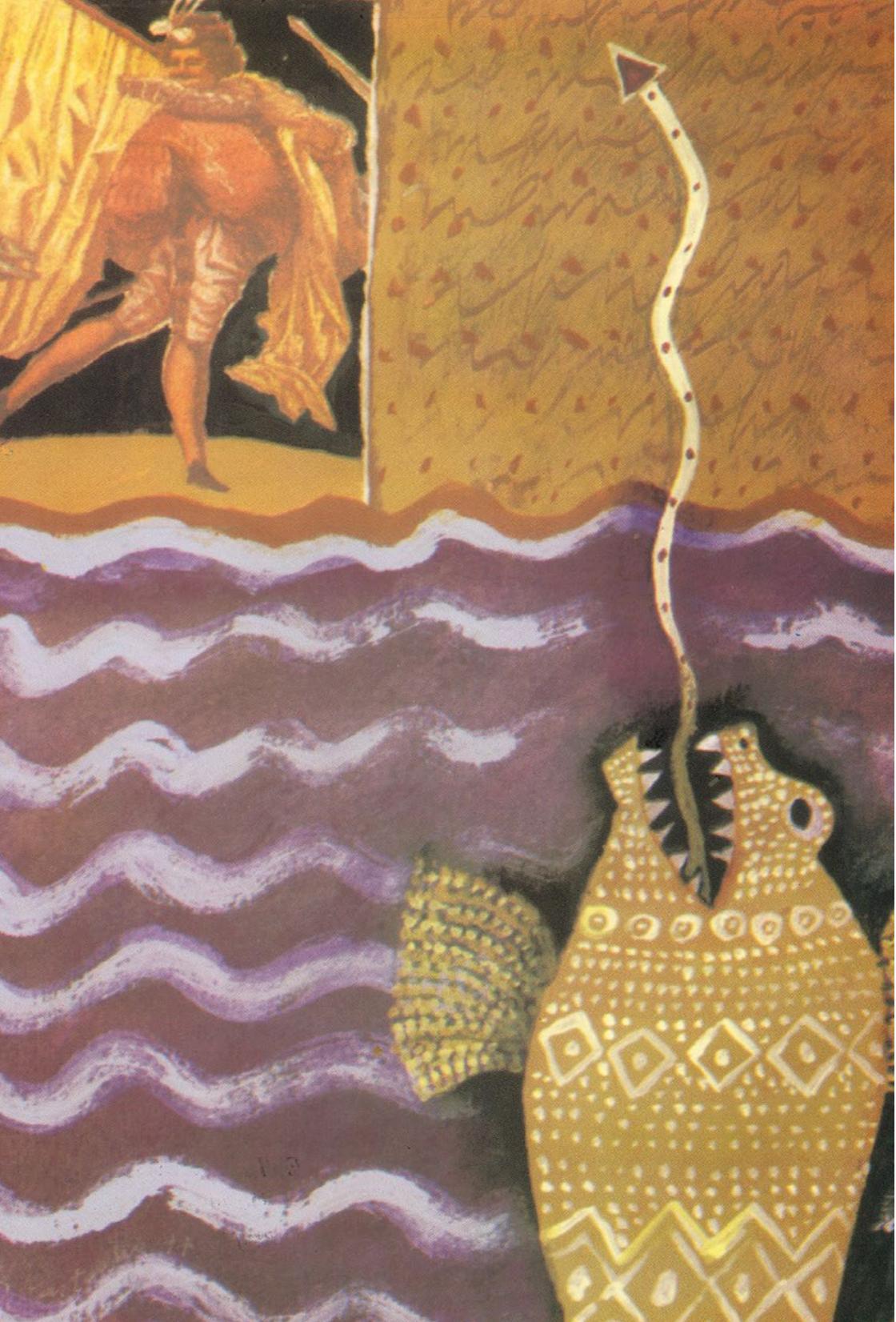
Romanceiro de vagas descobertas  
mostrar-se quer plural e vário  
que todo começo é involuntário  
disse o poeta de veias abertas.  
Vai dedicado com mui vivo encanto  
ao venturoso povo de Porto Seguro  
onde o achamento da paz é tanto  
que o afeto se faz forte e maduro  
e ao menino imperador, rei da festa  
ao qual serão rendidas homenagens  
ao fim e ao cabo de nossa viagem  
de pouca ventura, mas arte honesta.

E para que não zombeis da encenação  
lembrai-vos que de sabedoria  
o adágio anda cheio  
e brasa ao seio deita

quem se honra com erro alheio.  
Tudo o que iremos representar  
é poesia e fingimento, histórias  
de mares fartos, homens de ardil,  
cadernos de males, entre mil  
astúcias, lutas e algumas glórias.  
Enfim considerai a grande nau  
que esta comédia representa.  
É a nau da vida, imensa nau  
de singrar contínuo e vil tormenta.  
Nela tomai vossos lugares  
embarcações, passageiros, singulares  
soldados ou pobres bardos...

que o Romanceiro vai começado.

ESTE É O ROMANCE 1  
De mares encapelados  
Sempiternas esperanças



## CABRAL

Fados e sucessos na bagagem  
não trago. Sou desconhecido,  
como desconhecida é esta viagem.

Do Belmonte extremo, onde nasci  
quis-me um dia navegante em mar  
e em destino da Corte, lá parti.

Vasco da Gama torna do Oriente.  
No elevado mastro a grã-fortuna  
e a fé leal da portuguesa gente.

El Rey Dom Manoel, o Afortunado  
renova a armada e a põe em rota  
pera as Índias, e sempre a meu mandado.

Mil e quinhentos homens, treze naus  
maior esquadra até então já vista  
saí do Tejo por amor de Portugal.

Às Índias, às Índias, por maneira  
de logo chegar, de mais conquista  
e honra e glória de nossa bandeira.

E nisso mora minha mor ventura  
servir longo ao rei, dar-lhe riqueza  
e bens e paz e messes e brandura.

A tal me avento, cuido e lanço ora  
com dúvida e muita incerteza  
muita fé, muito amor sejam embora.

## BARTOLOMEU DIAS

Peito, cabeça e coração  
singram essas águas  
inquieta ondas apartando.  
Velas inchadas e fráguas,  
tormentas, a branca espuma,  
furiosos ventos, enfrentando.  
Sem tristuras, sem nojados  
acoimamos o esquecimento  
a modo de degredados  
e cá seguimos.  
Mas meu coração é lento  
e as embarcações, lentas  
naves tangidas ao mar  
ao sempre mar profundo  
e o mundo a andar  
a andar o mundo.  
Que está por vir, o Oriente?  
Mas que é o Oriente  
comparado a isto aqui?  
Mar e céu e pouca terra  
ventura de quem peca,  
mas não erra.

## NICOLAU COELHO

Detrás de mim deixei o Tejo  
o doce Tejo que cá estremeço  
e nisso pereço.  
Mas a alma sendo boa  
perdoa  
pois malhas, armaduras, armeses  
escudos, pelouros, adagas, terçados  
posses e terras, luzes e soldados  
não quero e nem a faltar  
pois a mim nada me falta  
basta-me a ventura de navegar, navegar.



ESTE É O ROMANCE 2  
De vagas revelações  
Relevos e desencontros

150,00

150,00

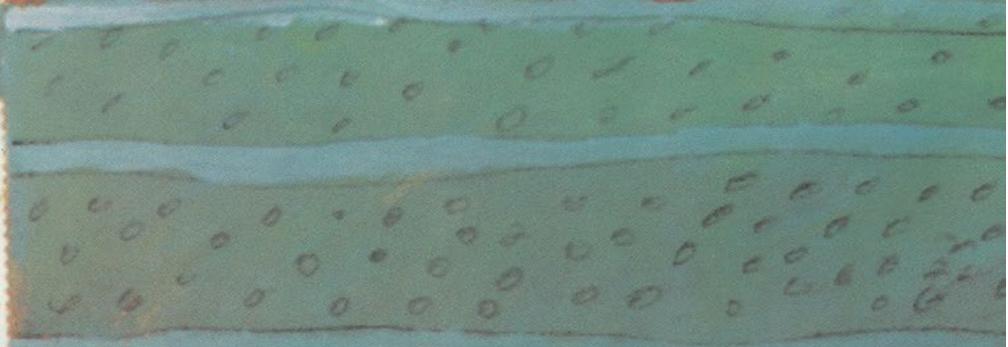
150,00

150,00

150,00

150,00

150,00



CABRAL

Que passa avante?

PERO ESCOLAR

Parecem abrolhos.

CABRAL

Não chegam aos olhos de  
nossa confiança.

PERO ESCOLAR

Seguimos?

CABRAL

E sem mais tardança.

PERO ESCOLAR

Já fora de rota estamos  
e onde o Oriente, onde?

CABRAL

Ver o que se esconde  
no desconhecido  
nisso cumpre e avança  
o nunca dom vencido  
da inquietação.  
Quanto mais longe  
mais obedientes  
ao reino de Portugal  
seremos e rentes  
na navegação.  
E verdade mais empenhada:  
pouca ventura, sempre nada  
enquanto mar houver, navegaremos  
e da Índia com riquezas voltaremos.

## PERO ESCOLAR

A que nos move a aventura, Capitão?  
Pouco amor pela vida, danação  
coisas do mar fendido?  
Tormentas, raios, ventania  
nautas mortos, o impresentido  
deixados ossos n'água em revelia?

## CABRAL

Dizer-vos, não creio, a alegria  
de abrir velas ao vento, sereno  
ou fero  
mas tenho pressentimento, terreno  
e vero  
de que avante haveremos  
messidor:  
a ânsia de pisar em terra nua  
que pé nenhum antes de nós pisou.

## PERO ESCOLAR

Guarde-vos Deus em vosso sentimento  
que bom isso de vós ouvir, já é.

## CABRAL

Sei-o a mal saber, de meu momento  
mas apascenta os rebanhos de minha fé.  
Dirá o poeta avante  
quando essa instância for romanceada  
que o luso peito navegante  
leva numa das mãos a pena  
e na outra a espada.  
De mim pouco dirá toda a História  
comigo findará meu nome e glória.

PERO ESCOLAR

Não vos cria assim penalizado.

CABRAL

Tampouco me tenho a meu cuidado.  
Esquece o que eu disse.  
Desejo apenas ao Reino acrescentar  
as mais riquezas d'aquém-mar  
— o mais é tolice!  
Segui, pois, a armada por este lado  
e com ela nosso fado.

GRUMETE

Terra à vista! Terra à vista!

AFONSO LOPES

Capitão-mor, Capitão-mor! Conquista!

CABRAL

Que me quereis? Que é de lá?

AFONSO LOPES

Alvíssaras! Hemos visto terra à frente!

CABRAL

Terra à vista? Estais tremente?

AFONSO LOPES

Com pouco espaço para navegar  
certo estou, pelo amado Tejo  
e tanto como vos vejo  
terra há.

CABRAL

A quanto distamos?

AFONSO LOPES

Obra de umas tantas léguas  
calculadamente.

CABRAL

Pera lá nos dirigimos, então.  
Desta nova, faço-me obediente.  
Saí para alargar posses d'El Rey  
descubro novas terras que não sei.

E a vós, senhores  
que vos parece a nova terra?

NICOLAU COELHO

É limpa aos olhos. Nela muito verde erra.

GASPAR DE LEMOS

E pássaros de real canto  
e árvores copadas.

BARTOLOMEU DIAS

Causa-me espanto haja terra assim.  
Parece África de tão assolada.

NICOLAU COELHO

Muito ouro deve conter  
e prata e especiarias.

CABRAL

Nosso caminho às Índias, porém.  
Aqui ficamos por uns dias

reconhecemos a terra nova  
e dela mandamos ao rei notícias.

### CAMINHA

Água mui limpa e tantas mais primícias  
fazem a terra de mui bom proveito.  
Tenho que deve ser tratada a jeito  
de muito amor e igual veneração.

### CABRAL

Assim deverá ser  
e El-Rey saberá a ação  
de pô-la em conquista  
e pertencer.

### FREI HENRIQUE

Que venham homens de proceder  
bom e de boa vista  
para governá-la e melhor  
servi-la ao reino de Deus  
— que é a maior conquista.

### BARTOLOMEU DIAS

A tanto El-Rey se arrisca  
que bons homens hoje é má  
tarefa de encontrar.  
Sobre a terra, porém, já  
o Capitão-mor tem conselho?

### CABRAL

Vai o capitão Nicolau Coelho  
verificar de perto o novo solo  
saber de suas águas, os portos  
assuntar se há povo mais no colo

da mata, e como é esse povo  
se é de paz ou se nos quer mortos.

## NICOLAU COELHO

Topei com vinte homens, todos nus  
sem nada que lhes cubra as vergonhas  
suas faces gentis não me foram medonhas  
nos modos embora pareçam tão crus.  
São pardos e com arcos e setas armados  
logo vieram grudar-se ao batel  
em forma de alegres. Acudimos farnel  
de palavras sem proveito, sojugados  
ao bruto quebrar do mar à costa.  
Trocamos presentes: dei-lhes de linho  
u' a carapuça e um barrete do Minho  
demais sombreiro, que me não desgosta.  
Um deles deu-me sombreiro de penas d'ave  
e outro, grande ramal de contas brancas.  
Tornei para cá, causa das carrancas  
do mar à costa, sem jeito de suave.  
A terra é mui bela, da boca do rio  
que é mui limpo se avista a floresta  
de árvores frondosas e duras. Esta  
terra tem riquezas de monta e em desvario.

## CABRAL

A terra, há que ver; não a tolhe  
o conhecido, por isso bruta e bela  
inda há de ser porto que acolhe  
todo tipo de povo que vir a ela.  
Porto docente, redenção de ares  
respira o peito da América santa  
águas límpidas, selva inteira, mares

seiva nova singrando, tanta, tanta.  
Perigo nos ventos, dano em vela  
vida nunca certa, má tormenta.  
Terra de Vera Cruz, que acalenta  
o sonho doce de ser forte e bela,  
ouve-me: sê mastro inteiro e lançador  
não de rude e vil e cego egoísmo  
mas de vasto afeto e largo amor.  
Levantar âncoras, fazer vela  
ao longo da costa e nela  
em direção do Norte.  
Batéis e esquifes amarrados  
à popa vão, de boa sorte  
a ver se achamos pouso acertado  
e muito boa abrigada,  
onde bem pouco nos devemos demorar  
e água e lenha e fruto tomar.  
Os navios pequenos sigam  
tanto mais à terra chegados  
e se acharem seguro ancoradouro  
para as naus, aí amainem  
e nos mandem sinal convencional.

AFONSO LOPES

Santa Bárbara do nosso lado!

PERO ESCOLAR

Que he visto? Barbado?!

AFONSO LOPES

Um recife com um porto dentro  
muito bom e muito seguro  
e com uma mui larga entrada!

PERO ESCOLAR

Mete-vos nele de enfiada  
que já nos imos a amainar.  
A quanto dista?

AFONSO LOPES

Ao certo, não mais he vista  
que obra de dez léguas do sítio  
donde levantamos ferro.

PERO ESCOLAR

Arribar! Pera âncora acolá!

CABRAL

Vão à terra os capitães tornar  
Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias.  
Salvem os nativos e os deitem  
em seu bom estado  
e com eles o mancebo Afonso  
o degredado  
pera no meio dos de lá ficar  
saber de seu viver e maneiras.  
E com o capitão Nicolau  
segue também o escrivão Caminha  
para trazer-nos novas inteiras.

BARTOLOMEU DIAS

Por que não ficaste no meio deles  
como te foi ordenado?

AFONSO RIBEIRO

Não me querem lá ficado.

BARTOLOMEU DIAS

E tornaste assim tão presto  
sem ao menos insistir?

AFONSO RIBEIRO

Dei-lhes o que tinha e esta bacia  
mas eles me fizeram vir.

BARTOLOMEU DIAS

E que trazes além da bacia?

AFONSO RIBEIRO

Duas ou três carapuças vermelhas  
Ao chefe da tribo dá-las ia.

BARTOLOMEU DIAS

Volta pois aonde estão  
e isso tudo aceitarão.

NICOLAU COELHO

Olhai, nautas, a andar  
pelo porto seguro  
o sol que desmaia.

GASPAR DE LEMOS

E a baía , em frente à praia  
é tão larga  
e do porto é alta a entrada!

NICOLAU COELHO

Nela há tal abrigada  
que lhe cabem em naus e navios  
duzentos de monta.

## GASPAR DE LEMOS

A terra é vezes sem conta  
de sumo bem nela estar.

## CABRAL

Imos officiar  
neste Domingo de Páscoa  
u' a santa missa.  
A tanto se aprestem, já!  
Atendo a ordem não breve  
do alto Rei de Portugal.  
Naquele ilhéu lá se eleve  
a cruz de Cristo e o sinal  
sagrado da religião  
que nossa alma toma  
e vingará neste chão.  
Louvemos Deus  
pelo Descobrimento  
da terra nova.  
Abri lá uma cova  
e lá erguei o madeiro  
do Santíssimo Sacramento!

## FREI HENRIQUE

Neque enim in justificationibus  
nostris prosternimus preces ante  
faciem tuam, sed in miserationibus  
tuis multis.  
Ao Deus que nos governa a vida,  
a obediência devida  
Lhe devotamos.  
Como o profeta, pedimos inclinar  
os Vossos ouvidos até nós para nos curar  
de nossas flagelações. Rezamos

pera que nos livre da desolação  
e Vos lançamos apelo  
que não cuide de nossas justiças  
senão de Vossa vasta misericórdia.  
Pera que a obra do homem  
se dê sem discórdia  
e não em estultícias  
de ruim caráter, de dolo e furor  
dá-nos, Senhor, que nesta terra  
justo se empreite  
a paz dos homens e jamais a guerra.  
Que o leite de suas riquezas  
seja repartido em igual partilha  
a todos , e as pobreza  
do humilde não se fundem em ilha  
de mortificação.  
Pois pior maldade ao homem  
não é sua morte  
mas sua perdição.  
Afastai, Senhor, da nova terra  
os homens cobiçosos  
as honras vendidas  
as naus ultrajantes  
as bandeiras servidas  
a povos maldosos.  
Dá-nos navegantes  
que sirvam ao seu rei  
no império da lei  
do trabalho e do amor.  
Repeli os malvados  
que por força vierem  
oprimir ou matar  
os nativos tão dados.  
Enfim, Senhor, fazei

que a terra dadivada  
seja respeitada  
e escrevei  
que nenhum dano se faça  
ao ar, nem qualquer desgraça  
às águas, ou aos animais  
de forma que a paz  
seja multiplicada.  
O achamento da terra é  
mui bom sabimento  
pera nossa fé.  
Que ela se conforme  
ao sinal da Cruz  
e em nós reforme  
no Senhor Jesus  
a mor devoção.  
Pois só Ele cura  
opera, limpa e segura,  
nossa salvação.

#### CABRAL

Vai Bartolomeu Dias, o capitão  
com seu esquife na dianteira  
ver de que maneira  
os nativos se comportam.

#### AFONSO LOPES

Com as almadias o mar eles cortam  
e chegam-se logo à água como podem.

#### CAMINHA

Bartolomeu Dias acena-lhes que pousem  
os arcos, uns pousam e outros não.

AFONSO LOPES

Na certa, temem qualquer treição.

CAMINHA

Vejam aquele lá, que vermelhão  
na pele e que tintura!

AFONSO LOPES

Parecem saídos de alguma pintura!

CABRAL

Avisa aos capitães quando chegarmos  
da ordem de virem à nau por conversarmos.

Achei por bem chamá-los cá  
porque temos o que deliberar  
deste nosso achamento.  
Parece-vos mal apartarmos agora  
o navio de mantimentos e em boa hora  
o mandarmos de volta a El-Rey  
para dar-lhe a nova?

BARTOLOMEU DIAS

Parece-me bem e nada reprova.

NICOLAU COELHO

Creio ser mui boa determinação.  
Temos que seguir viagem avante  
e El-Rey mandar saber e descobrir  
o mais da terra, bem melhor que nós  
pois nos esperam as Índias, a semblante  
de longo percurso.

BARTOLOMEU DIAS

Ademais, vigoram recurso  
e desejo de Sua Alteza  
em explorar a terra, extrair-lhe riqueza  
que nela deve haver em abundância.  
Se seguimos viagem, não houvemos sustância  
em fazê-lo, de momento.  
Mas se volta o navio com novas  
logo posse da terra teremos  
em novelo do tempo.

CABRAL

Vós, capitão Gaspar, que concluíis?

GASPAR DE LEMOS

O que os demais votaram e vós, juiz  
da pendência, pois vos parece bem.  
Estou pronto. A conclusão é tomada.  
Volto a dar a El-Rey notícias d' aquém  
e a ele caberá razão considerada.  
Certo estou que a nova será bem recebida.

CABRAL

Nesse passo, que vos parece a lida  
de tomarmos por força um par  
desses homens nus, para lembrar  
sua origem e qualidade a El-Rey?

BARTOLOMEU DIAS

Se caso é por força, não sei  
mas me parece dos atos menos cuidados.

CABRAL

Deixamos aqui dois dos degredados  
como troca. Fica ruim?

NICOLAU COELHO

Não me parece bem, ainda assim.  
Pois não vejo necessário levar  
por força homens cujo falar  
aos da Corte nada ia entender.  
Melhor informação da terra  
darão os degredados que ficarem  
pois estes tornarão um dia  
e o contarem tudo vão saber.

BARTOLOMEU DIAS

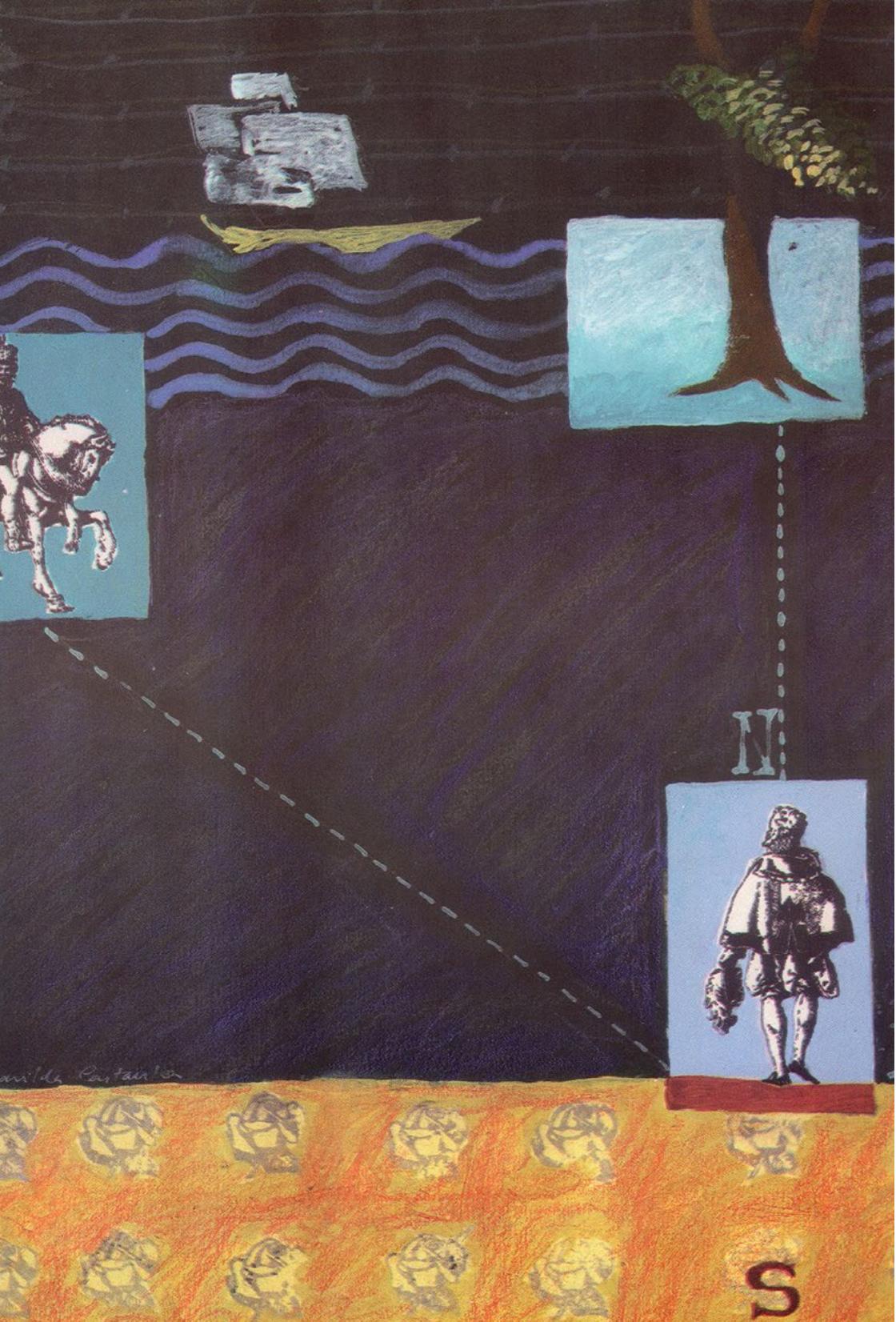
Não convém, por outra, mal fazer  
escândalo. Pois não cuidamos  
em tomar ninguém por força aqui.  
Melhor o trato de amansar, pacificar  
os homens nus. E assim ficamos  
com eles amigos, ao irmos partir.  
Mais proveito é estarem em paz, que irados.

CABRAL

Neste ponto, então, fica determinado  
o que de melhor a todos pareceu.  
Ide-vos a folgar à baía. Adeus.  
Vá outra vez o degredado  
Afonso Ribeiro para o lado  
dos nativos, lá se demore  
e de lá não torne  
ainda que o mandem vir.



ESTE É O ROMANCE 3  
De mundos ignorados  
Descobertas e paixões



*avida Pastain*

N

S

AFONSO RIBEIRO

Terra de Santa Cruz, abre teus braços  
para receber-me  
a mim, por mim, por quem a sorte traz.  
Doravante seremos juntos, nunca separados.  
Solfeja de teu hálito em meu ouvido inerte  
a doce canção da esperança, os dados da paz.

OUTRO DEGREDADO

Aqui sou contigo, com tua aurora nova, tua luz  
tuas águas puras e teu soberbo aroma  
sou amigo e irmão, a mim me toma  
sou teu enigma, verso e adverso, me traduz!  
Que a ti me chego, com uma força lenta  
que em pouco e em muito logo se acrescenta.

AFONSO RIBEIRO

Ó noites de Portugal, noites de nãos!  
Ó noites de rio e mar, noites de frio!  
Ide-vos, que meu coração vadio  
lume não cede aos ferros da opressão.  
Adeus, adeus, que cá minh'alma viça!

OUTRO DEGREDADO

Não me funda a cega e vil cobiça.

AFONSO RIBEIRO

Não me move o vão gesto que atíça  
o egoísmo e o tenaz pecado do poder.

OUTRO DEGREDADO

Que só me importa a mim humano ser  
e se me não cuida então o mais ter  
pelo mais gastar. Aqui já serei

o menos pelo qual aventurei  
o mais que posso e quero obedecer  
pois muito vale ao homem a liberdade  
e nada mede em bem a falsidade.

#### AFONSO RIBEIRO

Terra de Santa Cruz, tão rica e boa  
de ti cantarão lavouras e fados  
deitarão sorte sobre teu traçado  
e serão de ti mil cantos e loas.  
Mas é sempre bom manter-te a cuidado  
da ira humana, tanta e alagada  
da vil cobiça e o pouco apropriado  
egoísmo. Portugueses há e vários  
e dentre eles muitos temerários.

#### OUTRO DEGREDADO

Terra vestida em sol, iluminada  
cuida de teus filhos e mais amparada  
serás de paz, riqueza e alegrias.

#### AFONSO RIBEIRO

Cerra teus flancos, antes havias  
de proteger-te que te seres dada.  
E vela por nós!

#### OUTRO DEGREDADO

Diniz! Martim Soares! Taveirós!  
salvai-me de um penso mal de culpa  
do fundo mar do amor, livrai-me vós!  
Adeus Don'Ana, Beatriz, Dolores!  
Adeus, Carolina, Isabel, Amanda!  
Adeus ao Minho e adeus às cores

de tudo belo que deixei por lá!  
Que ora quero só salvar-me em braços  
de Inaiá, Inaiá, Inaiá!  
Ó grandes nautas, grandes trovadores  
cuidai que estou a salvo dessa sorte?  
Purguei meu peito do lavor da morte  
e vivo estou, mas morto estou de amores.  
Inaiá é selvagem, pura flor  
bela parda nativa, luzidia  
é vida e arde como a luz do dia  
excita meus nervos, seiva e sabor.

#### AFONSO RIBEIRO

Perigos há e mil danos sem conta  
nesta dor de ficar em sobressalto  
na súcuba certeza e grave monta  
de que ao nauta cabe o mar bem alto.  
Eu, porém, por ficar já me conformo  
em ver que a terra é franca e sem ressalto.  
E embora tudo faça, não reformo  
a marca que me fere o jugo da saudade.  
infinda tal do mar a imensidade.

#### OUTRO DEGREDADO

Quem vem lá, assombração?

#### GRUMETE

Duas almas de Deus  
que em terra ficarão.

#### AFONSO RIBEIRO

Como então é isso?  
Eu vos tinha em nau!

GRUMETE

De lá fugimos, a bem sem mal  
que por cá melhor estamos.

AFONSO RIBEIRO

E por qual motivo?  
E por que razão?

GRUMETE

Sem nenhuma dúvida, pelo coração  
que por cá temos perdido.

AFONSO RIBEIRO

Acaso, estais aqui rendidos?  
Deixeis em terra amor vosso?

GRUMETE

Isso é justo e nem mais posso.  
Inda que quisesse, deixá-lo mais sentia.

AFONSO RIBEIRO

Tal é bem mal valia.  
Agis destarte pela paixão?

GRUMETE

Por certo e como não?

OUTRO GRUMETE

No meu coração  
minha vida há.  
Se ferido ele  
ela em sangue está.

OUTRO DEGREDADO

Estais mal parados.

GRUMETE

E nós mais pasmados  
em vossa destinação.

OUTRO DEGREDADO

Em nós guia uma missão.

GRUMETE

E em nós outros, a paixão.

AFONSO RIBEIRO

Com que então, quereis cá ficar?

GRUMETE

Pera com bons frutos, nela mourejar.

AFONSO RIBEIRO

Acudis com gosto a esta certeza?

GRUMETE

Tão certo como da vida a madureza  
e a aurora do dia sempre há.

AFONSO RIBEIRO

Podeis nesse passo cuidar  
de vós na terra que vos abriga.  
Não permitais, porém, que u'a espiga  
de mal qualquer de vós se espalhe.  
A terra é boa e requer respeito

e sua gente é de paz. — Nenhum direito  
dá em nós tirar dela o fora do sustento  
mas em comum vivermos em bom pensamento.

GRUMETE

Sábias palavras e boas de ouvir.

AFONSO RIBEIRO

Ponde-vos, pois, em pouso e vão a dormir.

ESTE É O ROMANCE 4  
De projeções donatárias  
Seculares penas várias



## OUTRO GRUMETE

Secretos amores ide  
onde por o mar lá vai  
andai, coração, andai  
que o sonho a si não elide.  
Meu corpo é meu lado errado  
minha voz é meu esquecimento  
meu peito é o maior momento  
da vida que hei pecado.  
Minha alma é que é degredo  
dano de mim e tormenta  
fera bruta, se alimenta  
da danação e do medo.  
Mas como alcançar resguardo  
do sonho se ele escapa  
e foge a qualquer tapa  
da sorte ou destino tardo?  
Fugi, procelas, fugi!  
Vencei, auroras, vencei!  
Que aquele que já foi rei  
de novo se apresta aqui.  
Abertas portas, decreta  
da contida calma  
dos ventos em nau secreta  
que o sonho é uma profecia.

Hei sonhado! É livre o dia!  
Todo amanhã é um princípio  
de passado! E então via.

## INQUISIDOR LOUCO

Alcácer-Quibir! Mouros! Cristãos!  
Per mandado da Santa Inquisição  
novo rei é coroado. Seja adorado!

POVO

Real! Real!  
Viva D. Sebastião  
que é rei de Portugal!

INQUISIDOR LOUCO

E Pedro, desgraçado infante  
que teve o desplante  
de tornar rainha  
sua Inês já morta?  
Adorai-a!

POVO

Real! Real!  
Viva D. Sebastião  
que é rei de Portugal!

INQUISIDOR LOUCO

Venturas e desventuras.  
Galiza, Navarra, Granada  
Castela, Ganges, Marrocos  
oiro e prata, especiaria  
escravos e pau-brasil  
velas, cavalos havia.  
Viva El-Rey!

POVO

Real! Real!  
Viva D. Sebastião  
que é rei de Portugal!

INQUISIDOR LOUCO

Burgo espedaçado, feudos destroçados  
a plebe reinando, nobres perecendo.

Perdidas espécies: caravelas, corais, falcões  
damascos, tapetes, leopardos, leões  
almíscares, açúcares, engenhos, colares, marfim.  
Tudo he dado fim.  
Perdido tudo pela graça del Rey.

## POVO

Real! Real!  
Viva D. Sebastião  
que é rei de Portugal!

## INQUISIDOR LOUCO

No Paço reina a fartura  
músicas, danças, amores.  
No Paço reais canduras  
estrofes e menestréis.  
Fidalgos amam nativas  
dando-lhes filhos e filhas  
que farão bem outros filhos.  
E revéis. No Paço, ah!  
Carnes quentes sabujadas  
Nações moças molestadas  
Sujeira, miséria, pó  
No Paço tudo há melhor.

## POVO

Real! Real!  
Viva D. Sebastião  
que é rei de Portugal!

## INQUISIDOR LOUCO

Peste, febre, maldição.  
Desgraça à bandeira, demência  
Descendência má, degenerescência.

Burgueses interditos fracassados.  
Tamancos nos pés descalços  
pedaços nos pés quebrados  
mas o sonho de conquista  
e expansão da fé partido ao meio.  
Alcácer-Quibir! Tomar!  
Batalha mais desastrosa  
de uma gente valerosa.  
D. Sebastião vai voltar!

## POVO

Real! Real!  
Viva D. Sebastião  
que é rei de Portugal!

## PERO DE CAMPO TOURINHO

Mas quanto a mim, senhor  
por que condenar-me  
sem ouvir razões, valor?

## INQUISIDOR-MOR

Como vos chamais?

## PERO DE CAMPO TOURINHO

Por meus ais,  
Pero de Campo Tourinho  
donatário da Capitania  
de Porto Seguro.

## INQUISIDOR LOUCO

Prevaricou o impuro!  
Não guardou os dias nem fez penitência!  
Insultou os ministros, scandalizou.

Aos herejes não se faz clemência.  
Mau pai, mau marido, mau governante!

#### PERO DE CAMPO TOURINHO

Aos autores dessa aleivosia, antes  
de lhes ajuntar a verdade à objeção  
lembro que o defeito não está na obra  
mas em quem a vê, decerto.  
Em ações e exemplos fui fiel a El-Rey  
mas minhas obras falam contra o incerto  
dos homens que por lá contrariam a lei.  
Enfrentei tudo e tudo o mais enfrentaria.  
Honrar meu nome e dar a El-Rey a garantia  
de vencer correntes, matas e ribeiras  
nada me impediu caminhar por fileiras  
do bem, da fé, esperança e trabalho.  
E quanto mais completos foram os reveses  
mais me animei à luta, à liça, sem talvezes.  
Amansei tupiniquis, combati corsários  
franceses, canibais, patrícios usurários.  
Chamei capitães, cedi terras, sem proveito.  
Venci dificuldades do clima e da terra.  
Elevei oito vilas, doutrinei no oito.  
Dois engenhos de açúcar construí aos reis.

#### INQUISIDOR-MOR

Oponde-vos ao Santo Ofício, às suas leis?

#### PERO DE CAMPO TOURINHO

Oponho-me à má aplicação das ditas leis  
pera o efeito das coisas tidas na ambição.  
Egoísmo, preguiça, licenciosidade.  
Abuso dos reinóis, desgraças do Brasil.

INQUISIDOR-MOR

Que tendes contra a Igreja, que tendes contra o Reino?

PERO DE CAMPO TOURINHO

Portugueses há maus homens e bons.  
No Brasil são bem tristes suas afeições.

INQUISIDOR-MOR

Quantas culpas se imputam a vossas ações?

PERO DE CAMPO TOURINHO

Juízo reto, caridade, obediência.

INQUISIDOR-MOR

Difícil ao Tribunal fazer clemência!

PERO DE CAMPO TOURINHO

Negar verdades só enfraquece os detratores.

INQUISIDOR-MOR

Tanto que estais na lista dos prevaricadores.

PERO DE CAMPO TOURINHO

Este o fim principal, por que Deus veio a isto?

INQUISIDOR-MOR

E que virtudes guardais da lei de Cristo?

PERO DE CAMPO TOURINHO

Desprezo do mundo, humildade, amor por fim.

INQUISIDOR-MOR

Vossas culpas e tenções quereis confessar?

PERO DE CAMPO TOURINHO

Que culpas a confessar?  
Que tenções a proferir?

INQUISIDOR-MOR

A consciência de partir  
o escândalo da nossa fé.

PERO DE CAMPO TOUIRINHO

E escandaloso, o que é?

INQUISIDOR-MOR

O que obrais na sujidade.

PERO DE CAMPO TOURINHO

Nunca sujeitei verdade.

INQUISIDOR- MOR

E as suposições cabidas?

PERO DE. CAMPO TOURINHO

Repousam improferidas.

INQUISIDOR-MOR

Reprovais nossas ações?

PERO DE CAMPO TOURINHO

E as vossas abluções.

INQUISIDOR-MOR

Respeitais a Santa Igreja?

PERO DE CAMPO TOURINHO

Mais do que em mim sobeja.

## INQUISIDOR LOUCO

Intolerável! Bruto! Palavroso!  
Espancou padres, xingou, o reinoso.  
Quis parecer maior que o Papa  
e de Deus a bondade mostra o mapa!

## PERO DE CAMPO TOURINHO

Melhor seria se soberbo fosse, não indulgente.

## INQUISIDOR- MOR

A vossa causa não tem salvação.

## PERO DE CAMPO TOURINHO

Pera falência da justiça e da misericórdia.

## INQUISIDOR LOUCO

Maravilha rara  
e de mor grandeza  
ressuscitar um rey  
morto e a realeza!

## POVO

Real! Real!  
Viva D. Sebastião  
que é rei de Portugal!

## JESUÍTA

Goza o Brasil de ares sempre puros  
pela raça dos ventos que aspira  
com tanta paz o homem se retira  
a completar lá fora os mundos muros.  
Abundante de fontes, bosques, rios  
variada de vales e outeiros

revestida de verdes prazenteiros  
a terra é um paraíso erradio.  
Mas os homens precisam educação  
pera a campanha civilizadora.  
Precisam já da luz reparadora  
dos bons reclamos da religião.  
Empenha-se o menos temente a Deus  
no mais escandaloso da luxúria.  
Diz atos lastimosos prol da injúria  
e falam sem nobreza os gestos seus.  
Dedicam-se à cruel escravaria  
dos negros e dos índios em pendência  
dos que não se salvam na inocência  
das perdições, dos males, da enxovia.

IAPONAM

Que estais a praticar, padre santo?

JESUÍTA

Firmo a memória de uns cantos  
para a Virgem Mãe Maria.

IAPONAM

Não o fazes já todo dia?  
Que pedes a Ela agora?

JESUÍTA

Oração boa não tem certa hora  
de rezar.  
Peço que ilumine os homens duros  
que obram ações pecaminosas  
e deixam entre nós as mais raivasas  
intenções.

Peço que transforme esses duros homens  
em bons. E suas maldezas, cujos nomes  
eles tanto proclamam  
possam de enfiada sumir-se  
como os de boa obra reclamam.

## IAPONAM

Ainda estais na crença de transformação  
em bom do coração raivoso de um cão ?

## JESUÍTA

Os homens não são maus como se pratica.  
É o Demônio que ao mal os incita.

## IAPONAM

Os seus demônios são eles  
sua vã cobiça e a desgraça  
de sua ambição, que passa  
de pai a filho, lá deles.  
Quando fizerem deserto  
a terra, matarem a indiada  
aí se aquietarão, por certo  
e aí também não sobrou nada.

## BANDEIRANTE

Ouro! Prata! Esmeraldas!  
Escravos! Mando! Haveres!  
Que me importam os saberes  
se possuo ricas faldas  
de terras e de grandezas?  
Em solo e água, ouro há.  
Na mata, a madeira sobra.  
Pera isso enfrento cobra

índio, negro, fera má  
mas acumulo riquezas.  
Que é do rio a atravessar?  
Atravessemo-lo, já!  
Que é do índio abugrado?  
Jaz no mato ou amansado.  
Que é do negro tão fujão?  
Nada mais que um cabrão.  
Que é das mais distantes minas?  
Abertas e peregrinas.  
Com sol ou tempo ruim  
a arma e a coragem empresto  
num vão desse tempo lesto  
de cegueira e de festim  
na forma que sou forçado  
a cumprir sem mais clemência  
a revogar paciência  
a matar, se for meu fado  
vou abrindo, vou rompendo  
mata, terra, gente, rio  
termino em mor desvario  
rico ou pobre, enlouquecendo.  
Numa coisa há garantia:  
pós o bravo navegante  
que he visto esta terra um dia  
por sina, por feitoria  
dela é dono o bandeirante.

## NEGRO ZAMBI

Da senzala e da macumba  
solta a voz o africano  
que com sangue soberano  
fez o chão, faz o trabalho.

## CORO DE NEGROS

Ê, tumba, ê, tumba ê!

## NEGRO ZAMBI

Quatro, oito, dez milhões  
de braço escravo, bem mais  
enriquecem aqui os pais  
da pátria e os patrões.

## CORO DE NEGROS

Ê, bango, ê, bango ê!

## NEGRO ZAMBI

Escravidão! Crueldade!  
Amuxila nosso corpo  
Enquizila nossa alma  
Alumbamba a saudade  
em nós do peito de África

## CORO DE NEGROS

Ê,banzo, ê, banzo ê!

Ê,banzo,ê, banzo ê!

Ê, banzo, ê, banzo ê!

Ê, banzo.ê, banzo ê!

## MULHER ZAMBI

Escravidão! Crueldade!  
Usa nosso sangue no melaço dos engenhos!

Usa nosso leite pra amamentar os ioiôs!  
Usa nossos deuses pra afugentar maus empenhos!  
E as nossas mulheres para o gozo dos sinhôs!

#### CORO DOS NEGROS

Ê, Xangô, ê, Xangô ê!  
Ê, Xangô, ê, Xangô ê  
Ê, Xangô, ê, Xangô ê!  
E, Xangô, ê, Xangô ê!

#### BANDEIRANTE

A terra tem que ser rasgada!  
A mata tem de ter caminho!

#### NEGRO ZAMBI

O negro faz tudo sozinho  
e o branco manda só, mais nada!

#### BANDEIRANTE

O mais que importa é a povoação  
benfeitorias, engenhos e vilas  
igrejas, casas e homens vivendo.

#### NEGRO ZAMBI

E o braço escravo no suor, morrendo.

#### BANDEIRANTE

E a nação crescendo, vigorando.

#### NEGRO ZAMBI

E os valores negros, dizimando.

#### BANDEIRANTE

Progresso! Crescimento! Evolução!

Léguas e léguas além de costa a costa.  
O homem vence o ignorado e arrosta  
desafios, périplos, febre sezão.  
Quem pudera arrastar-se malfadado  
sem violar humanas regras, preitos  
de vida em paz e mais o bom respeito  
a corpo e alma alheios, o dom sagrado?  
Quem, sem praticar mor atrocidade  
pudera avançar na febril conquista  
de terras, minas, pau-brasil, assista  
aos bons instintos, e sem falsidade?  
Rasgar o bruto chão em busca d'oiro.  
Caçar índios e negros, submetê-los.  
Cindir feras, mosquitos, desmazelos.  
Isso é ausência de paz, isso é desdoiro.  
Como empatar desgraças, sortilégios?  
Como extinguir percalços e avançar?  
Como punir maldades, sem matar,  
cometer crimes e até sacrilégios?

## JESUÍTA

Erguendo escolas, mosteiros, colégios.  
Assim,  
a colonização do Brasil  
se fará pela conquista  
da alma do gentio  
e não pela ruim vista  
da crueldade e alvedrio.  
Somos pela catequese.

## BANDEIRANTE

Essa então a vossa tese?

JESUÍTA

E que outra melhor é?

BANDEIRANTE

Padres cheiram missa e fé.  
Cuidado, ensino, ciências  
são finezas de mulher.  
Índio e negro têm saber  
que o duro trabalho os quer  
mais que tudo, a obedecer.

JESUÍTA

Não louvo esse proceder  
de vós que a cobiça alcança.

BANDEIRANTE

Outro júzo não lança  
esta nação a destino  
de rota segura e pronta.

JESUÍTA

Júzo bom há sem conta  
que melhor tenha em mente  
não haver passo acertado  
na exclusão dessa gente.  
Contrário senso, o herdado  
serão misérias apenas  
lutas, dores, malas cenas  
sem corrigir o errado.

BANDEIRANTE

Não mais vos quero escutado.  
Se credito ao que dizeis  
em breve estaremos mal

pois é bem ceder a vez  
ao bugre e ao negro boçal?

### CAFUSO

Há vários portugueses em vosso Portugal  
muitos encobrimentos, muitos encobertos  
muitos maus juízos e sentidos despertos  
só na vã cobiça, na desordem moral.  
Não se passa o mesmo com esse povo de Holanda  
que é chegado a nós e convosco faz guerra.  
Fazem eles grandes obras, querem bem à terra.  
Respeitam as mulheres e o progresso anda.

### OUTRO DEGREDADO

Não, o progresso não anda como pensais.  
Se é certo no português muitos portugueses  
também dele é o amor por vosso país.  
Amor violento e amor maior que não quis  
terra, ouro, prata, madeira e o que há  
mais para conquistar e para possuir  
senão o amor de uma mulher: Inaiá.  
Pois é em nome deste amor que vivo aqui.  
Se há com Holanda progresso, como dizeis.  
Se há prestígio e ordem e armas valerosas.  
Não há, porém, quem ame as mulheres formosas.  
Negra ou índia, ama-a o branco português.

### NEGRO VELHO

Negro escravo cava a terra e planta  
colhe, apanha, amarga, perde dentes.  
Negro escravo faz brotar sementes  
de riqueza, seca a força e canta.  
Negro escravo quer fazer mandinga.  
Negro escravo quer fazer ebó.

Negro escravo quer amanhã ser livre.  
Ser só negro, que é muito melhor.

## NEGRO ZAMBI e CORO DE NEGROS

Filho lá da África  
faço meu caminho  
e aqui completo o passo  
sem ficar sozinho.  
Escravo me fizeram  
e me deixaram marcas  
de que me vou limando  
do tesouro em arcas.  
Ódio vil não quero  
se não a alegria  
de cantar lundu  
sem virar-me o dia  
e dançar meus santos  
lá no meu terreiro  
e a liberdade  
de ser brasileiro.

## OUTRO DEGREDADO

Terra de Santa Cruz, ilha de raças  
não deiteis ferros aos sabrosos ventos  
de vossa alma à solta e pressentimentos  
de sonhos de América, livres taças  
de vida e espírito — naus fraganças  
em idéias, anseios, esperanças.  
Ficai bem comigo, o negro, o selvagem  
em nós resguarda a paz e a amável festa.  
Livrai-nos do vão ódio que molesta  
a alegre duração dessa viagem.  
E apoucai nossa dor, nossa saudade  
como se não pudera a claridade.

## OUTRO GRUMETE

Hei sonhado! É livre o dia!  
Dos ventos em nau secreta  
o sonho é uma profecia!  
Meu corpo é meu lado errado  
minha voz é meu esquecimento  
meu peito é o maior momento  
da vida que hei pecado.  
Minha alma é que é degredo  
dano de mim e tormenta  
fera bruta se alimenta  
da danação e do medo.  
Mas como alcançar resguardo  
do sonho, se ele escapa  
e foge a qualquer tapa  
da sorte ou destino tardo?  
Fugi, procelas, fugi!  
Vencei, auroras, vencei!  
Se a tanto me aventurei  
de novo me apresto aqui.

ESTE É O ROMANCE 5  
De almas vastas, corredeiras  
Rotas rotas medianeiras



by Gustav Guller

## CABRAL

No quintal do largo mar  
o Oriente se avista.  
É feita a revista  
da nova terra, já.  
Não curo de mais tardança  
que águas do mar em abastança  
nos querem e às caravelas.  
Vamos a elas!

## BARTOLOMEU DIAS

Velas fortes  
prontas velas ao vento  
— Ao mar, nautas, andai —  
que anda e corre mais  
meu pensamento.  
A quem baste a alma gasta  
que o vasto basta ao mar  
e à vida — encapeladas ondas  
dissentidas de vagar.

## NICOLAU COELHO

Ao mar, ao mar  
que nos aguarda  
vento, frio, tempestade  
sol ardente, longidade  
de tempo que perdura  
de nós além e à aventura.

## CAMINHA

Esta terra, Senhor, parece que da ponta mais contra o Sul vimos até outra ponta que contra o Norte vem, de que nós deste porto seguro houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e

cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito fermosa.

CABRAL

Terra de Vera Cruz  
que vos sei eu ?

CAMINHA

Nela, até agora, não podemos saber que haja oiro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

CABRAL

Ilha de Santa Cruz  
que vos sei eu?

CAMINHA

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

CABRAL

Ilha / Terra de Tosca Cruz  
que vos sei eu?

OUTRO DEGREDADO

Ser humano é exército de dúvidas.

Paz, aturdimiento do corpo em silêncio.  
Vida, tombadilho de luar sem navio,  
Aventura é linha paralela do sol.  
Mais vasto pego e longe e breu e fundo  
espelho de navalhas é o curto mundo.



ESTE É O ROMANCE 6  
De esboços, perfis, retratos  
Anúnciões, demandas



*Manhattan, New York*



ERBORBOLENTA

## CEGO

E assim se dá por encerrado  
um romanceiro. Outro é começado.  
Se dele gostais, aplaudi  
com firmeza  
na hora que vos pedir  
pois é nobreza  
o pedido e mais ainda  
o atendido.  
Abrigai o poeta, esse aturdido  
em vosso largo coração.  
Ganheis dele as graças  
refleti na representação.

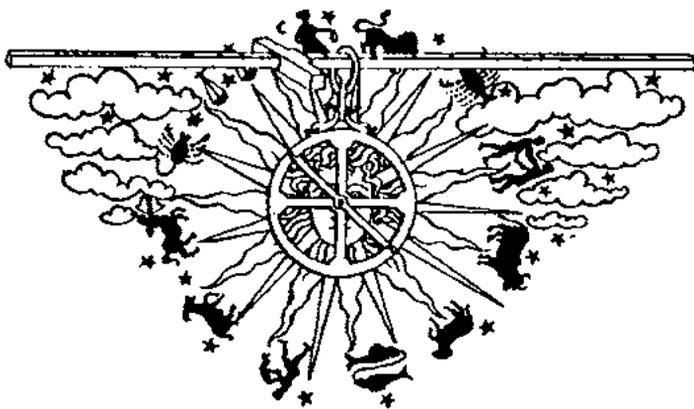
Na grande nau da vida  
que tipo de aventura investis?  
Embaradiços, soldados, passageiros  
desta nau,  
perdoai o parvo  
que escreveu o que assistis  
pois o poeta é o lume de Deus  
mas é torto  
e degredado e morto  
tem o lúcido lado  
das coisas reais.

E vamos tirar da festa mais cor.  
Enfim descoroemos o Imperador  
como é parte da tradição.  
Destarte reza o tratado  
e se faz descoroado  
o Imperador  
por amor  
das simplezas humanas.

Belas coisas soberanas  
são o sonho, a casa, a vida noviça...  
... e nunca a injustiça!

Assim vós, poderosos da hora  
cuidai do que tendes, nele vivais  
bem postos  
gozai tudo, sem demora  
pois quando acabados  
os gostos  
da vossa prosperidade  
sereis rotos e enfurnados  
debaixo da terra  
dos bichos, herdade.

E vamos, finalmente, ao banquete  
da festa derradeira do Imperador.  
Sejais servidos, alegres, com calor  
pois a vida, mar alto, encapelado  
inda vos exige o condão continuado  
do riso  
do mágico riso aberto de concórdia...  
— ... e guarde-vos Deus em Sua piadosa misericórdia!



ANEXOS



## O *Auto* em cena

Jorge de Souza Araujo

Reservo-me, como autor, de falar sobre o mérito do texto do *Auto*. Sua aferição qualitativa e sua permanência estética só o tempo se incumbirá de refletir. Agrada-me, antes, discuti-lo enquanto montagem e concepção, uma vez que a grandeza do espetáculo aqui se exercita ampla na fatura geral da produção, concepção cênica, atores etc.

O *Auto do Descobrimento* é uma peça poeticamente voltada às nossas raízes históricas e culturais da linhagem portuguesa e seus desdobramentos quinhentistas (catequese religiosa, conquista de territórios, dominação colonialista), aprofundando-se numa prospecção de futuro. Olhado hoje, o Brasil de dimensões territoriais enormes e perpendiculares disparidades regionais, culturais e, sobretudo, econômicas, nada tem a ver, obviamente, com o Brasil de Quinhentos. Com exceção do idioma, o país perdeu sua base lusitana e não cuidou de preservar sua própria identidade cultural. Rompido o equilíbrio ecológico do encontro de culturas e sociedades multifárias, o Brasil é hoje campo de experimentação dos capitalismo mais perversos, que aborrecem a sensibilidade artística, isolando-a em guetos. O *Auto* tenta reintroduzir, poeticamente, o debate de nossa política de caldeamento sócio-etnográfico e o resgate cultural da nacionalidade brasileira, ao tempo em que discute o poder, a opressão, a exploração colonialista, o segregacionismo, a corrupção administrativa. Não é, pois, um *Auto* exclusivamente sobre o Descobrimento eventualmente perpetrado por Cabral e suas naus. O *Auto* vê a Descoberta sob o ângulo do humano e nessa base humanista se assenta, sempre pela ótica da poesia e do sonho.

A primeira encenação, em Porto Seguro, conseguiu realizar concretamente essa perspectiva, sob as estrelas de um céu aberto, na noite mansa da Cidade Histórica, entre o Paço, a Igreja e a Masmorra, com o povo simples misturando-se a turistas e autoridades públicas. Em 1981, numa *miss-en-scene* de Pedro Mattos, surpreendi silêncio e aplauso, atenções e uma funda emoção nos rostos, num conjunto especular de gestos e contemplações. Lavrado em linguagem de recuperação quinhentista, nem assim o *Auto* aborreceu o público, nem o enfadou na descompreensão de temas e motivos.

Como peça de teatro, o *Auto* é tentativa de encenar o encontro entre culturas, indivíduos e identidades desconformes, integrados poeticamente a uma terra/mundo que se desvela sem rigor sociológico ou histórico — pois aí já não seria obra literária. Seu objeto é a interpretação da épica brasileira sob o ângulo do sonho e da memória, fermentados de aventura e percurso de desejos humanos. Na melhor das hipóteses, o cenário natural de Porto Seguro, com sua igreja, seu paço e a ampla visão do mar ao fundo, desempenhou importante papel adicional.

Leitor dos cantares de amigo, de Camões, Sá de Miranda, Calderón e Gil Vicente, e mesmo Vieira — essencial para a montagem da cena da Inquisição — o *Auto do Descobrimento* é um diálogo entre linguagens, do quinhentismo sonoro e rítmico ao real e presumível do que aconteceu ou poderia ter acontecido quando da chegada dos portugueses. Invasores ou descobridores, para a poesia do *Auto* interessa o vislumbre de uma descoberta pessoal.

Muitos perguntam pela linguagem do *Auto*, se é bem compreendida pelo público, essas coisas. A resposta que dou é sempre a mesma e nisso fui antecipado por Gil Vicente, de que sou pálido remanescente. O *Auto* foi assistido por donas-de-casa e a gente humilde de Porto Seguro. Todo mundo sentado na praça,

em silêncio comovente. A palavra e a poesia são cíclicas, assim como os fatos históricos. Sem perder de vista a perspectiva histórica que dá forma ao tema, o *Auto* pretende testemunhar também a prospecção cultural e épica brasileira, filtradas por visão poética e não sociológica ou da teoria da História. Procurando abordar o Descobrimento por meio de uma linhagem onírica, diálogo impossível entre passado e presente, preconizando futuros, a linguagem busca parceria no inconsciente do desejo. A História se repete com frequência. Os descobridores se assemelham aos modernos cosmonautas, na aventura de desvendarmos de mundos ignotos.

A intenção era tornar o *Auto* um marco de descentramento cultural extra do eixo Centro-Sul. Pela circulação do livro, por um movimento de resistência ao aniquilamento da cultura patrocinado pelos sistemas sociais e econômicos vigentes. Em que pese todo avanço tecnológico, o livro ainda é a maior peça de entendimento do homem consigo mesmo.

A direção teatral pode vestir o *Auto* de colorido e tensão dramática que ultrapassem o texto. O Cego é arauto e testemunho da encenação, fazendo lembrar a tradição do teatro quinhentista português representado em naus da época para divertir embarcações e capitães. Pode ser burlesco, sem deixar de ser cego (em benefício da vigorosa força interpretativa, o ator que o interpreta pode empolgar-se com a burla sem esquecer-se da cegueira). Ainda guardo nos olhos e na sensibilidade impressões de cenas, carga poética e emoções dramáticas de sua encenação. Acredito no *Auto* como importante elemento em favor da guarda ecológica e memorial da Cidade Histórica de Porto Seguro, peça de resistência na luta pela preservação histórica do berço da nacionalidade brasileira.

A propósito, é oportuno conferir uma entrevista que concedi há algum tempo, por ocasião das comemorações equivocadas dos 500 anos do Brasil.

— *Em que circunstâncias o **Auto do Descobrimento** foi criado?*

Recebi, há uns trinta anos, um telefonema do professor Soane Nazaré de Andrade. Eu morava no Rio de Janeiro, trabalhava na assessoria de comunicação de uma fundação ligada ao meio ambiente, e ele me deu a seguinte incumbência: escrever um texto sobre o descobrimento do Brasil para o projeto Porto Seguro, no espaço de um mês.

Eu tinha algumas noções do que seria o descobrimento do Brasil, (evidente que esta expressão “descobrimento” é um tanto ou quanto controversa), mas planejei e o auto resultou num texto que é uma investigação meta-poética sobre o fenômeno de pessoas de um mundo ilustrado na aventura de descobertas de novos mundos. Uma coisa que começa com a inquietação de Cristóvão Colombo, passa por Américo Vespúcio até chegar a Cabral. Leitor apaixonado de alguns portugueses e espanhóis, que tratam simbolicamente do assunto, poetas como Camões, Gil Vicente, Fernando Pessoa, um tanto Calderón de La Barca, um tanto Lope de Vega, enfim, em função dessas leituras, eu pari um texto que é este que temos hoje, com algumas modificações introduzidas posteriormente, e que lhe deram a sub-intitulação *O romanceiro de vagas descobertas*.

— *Por ser dito em versos, numa linguagem próxima à “quinhentista”, o texto não é de difícil compreensão e entendimento da plateia?*

A linguagem utilizada, antes de afugentar o público, em verdade atrai a sua atenção. Um ou outro termo pode causar estranhamento. Tanto atrai que na montagem inaugural (1981) testemunhei os olhos deslumbrados da gente de Porto Seguro. Gente local (não eram só turistas, nem cultores do idioma mais arcaico), gente do povo, que curti o espetáculo como qualquer “quinhentista” gil vincentino.

— *Os recursos de palco deixam o texto mais claro...*

Eu acho. Tenho a impressão de que o texto de teatro é feito para ser encenado. Não existe o teatro exclusivamente literário, no sentido de teatro para ler. De sorte que o teatro só se complementa na encenação. O diretor é co-autor, os atores são sempre cúmplices da aventura do desvendamento textual. Evidentemente, é pela encenação que o texto se amplia e dinamiza. O texto isolado nem sempre consegue comover como o teatro comove.

— *Criado há vinte anos, qual a ponte que liga o **Auto do Descobrimento** daquela época aos dias de hoje?*

Julgo que a poeticidade não morre jamais. O *Auto* foi criado como modelo épico, que destoava da historiografia oficial. Ele traduz uma série de enigmas e situações não apenas dos navegadores capitães, mas dos grumetes, dos degredados, dos marinheiros que para cá vieram. Sua instância poética permanece porque, por mais que nos aproximemos das conquistas tecnológicas de hoje, em que fazemos outras navegações, não se obscurece o sentido poético do que aconteceu em 1500, porque o homem ainda continua nessa grande e angustiada aventura de descobrir novos mundos.

O mais importante é que o *Auto*, ao meu ver, enseja a pensar e que as pessoas devam ter a identidade brasileira em sua mais alta e legítima expressão. A identidade brasileira não fica no fosso da cultura pop ou no fósil do sucesso fácil. O sentido de brasilidade do *Auto* está nos seus vários aspectos. Na ecologia, que está se perdendo, na sensibilização do cotidiano, onde a pressa e a vertigem dos compromissos nos roubam a oportunidade de comunhão universal que só a poesia pode dar.

— *Qual a sensação de ver um filho, como o **Auto do Descobrimento**, ser encenado e se transformar aos poucos num sucesso garantido?*

Alguém já disse antes de mim: cada filho é um ser diverso.

Eu agora estou com outros filhos andando por aí, como a *Agenda de emoções extraviadas*, *Os becos do homem*, *Essa esquiva e dilacerada fauna*, e mais livros de crônica e ensaio. Mas o filho *Auto do Descobrimento* é muito querido por mim porque nasceu numa situação extremamente complicada, em um mês de angústias incapazes de traduzir. Gostei muito de tê-lo visto encenado, nas três versões que vi. Na primeira, em 1981, sob a direção de Pedro Mattos, na segunda com Márcia Menezes e na de Ramayana Vargens. Em todas as três oportunidades eu senti valorações que, uma vez reunidas em bloco, acrescentam-se à felicidade que sinto toda vez que ouço falarem no *Auto*.

— *A poesia alimenta o espírito, mas uma obra, por lei de mercado, também deve alimentar o bolso. Qual o retorno monetário que o **Auto do Descobrimento** lhe proporcionou até hoje?*

Olha, até agora este *Auto* tem me proporcionado somente alegria espiritual. Na verdade, nunca tive remuneração à altura de seu projeto editorial ou cênico. No início, o professor Soane me deu, a título de colaboração ao Projeto Porto Seguro, uma remuneração equivalente a cinqüenta mil cruzeiros (vamos dizer que tenha sido esta a moeda da época), quantia, é claro, meramente simbólica. Nas sucessivas encenações, o autor jamais dispôs de qualquer participação. Eu diria que, pelo fato de serem encenações gratuitas, algum modelo de remuneração, de compensação pecuniária, deveria ser pensado. Porque o escritor é uma entidade civil que paga impostos, tem de se alimentar, vestir-se e sobreviver. De sorte que eu espero que, daqui para a frente, seja possível encontrarmos um denominador, que faça com que o *Auto do Descobrimento* também seja rentável do ponto de vista financeiro. Não ao ponto de enriquecer, evidentemente, mas de remunerar condignamente seu autor.

— *Observando-se a programação oficial, até o momento, pelos 500 anos de descobrimento do Brasil, poder-se-ia dizer que ela está excessivamente acadêmica e elitista? Que não passa de discurso palaciano?*

As grandes comemorações são, por natureza, elitistas. Você sempre estará eliminando alguém nos mega-shows. A Universidade, por sua natureza, deveria ter uma vocação social mais abrangente, uma preocupação mais rigorosa com a aproximação e intermediação entre as classes sociais. Na verdade, eu não sei mesmo o que temos a comemorar, a não ser a própria efeméride. Fazer 500 anos é uma coisa emblemática, é um número redondo, mas talvez não passe disso, por que em que avançamos mesmo? Avançamos na projeção demográfica, mas diminuímos numa série de aspectos. O povo brasileiro sofre hoje as mazelas que sofriam nossos primeiros povoadores. Mais ainda os índios, que habitavam um país virgem, depois devastado, inclusive com o genocídio praticado contra milhares de nossos irmãos. Hoje as tribos indígenas são diminutas em relação ao que eram no princípio. O povo em geral padece dos mesmos males de antes. Acho que o que devíamos comemorar talvez fosse o fato de resistirmos, continuarmos vivos e, além do mais, podermos trabalhar pelo soerguimento da Cultura, a única coisa que, reconheço, pode resgatar a verdadeira dignidade do nosso povo.

## Palavra do Romanceiro: Festa da Língua e da Identidade

Jorge de Souza Araujo

A oportunidade dos 500 anos de fundação do Brasil — uma circunstância de data redonda, emblemática de marcos históricos curvados ao universo da celebração, do aparato litúrgico, com o perigo adicional do *esquecimento* de nossas mazelas, igualmente aniversárias — impôs, sem dúvida, incontornáveis reflexões. Que temos mesmo a comemorar, se levarmos à letra esses quinhentismos de anos-luz de uma história de exclusões, injustiças e demais banimentos de uma ética não humanista?

O que deveria permear as comemorações, em nosso entender, era o festejo, sem triunfalismos equivocados, do idioma que nos reúne e nos modela. A festa verdadeira permanece sendo a da linguagem, que responde pela compenetração identitária e congrega os povos em feixe de esforços humanos de perenização, aí incluído o povo irmão do Timor Leste, na longínqua Ásia, devastado pelo horror genocida e vítima do complexo de interesses dos poderosos ante uma ONU de joelhos.

Tomemos o nosso passado para equacioná-lo em ressignificações, não para mumificá-lo nos contextos excludentes há tanto tempo nossos conhecidos. Se não fizermos uma mirada cervantina a propósito desse passado, opondo limites à versão canhestra de carnaval sem quarta-feira de cinzas, melhor deixar esse mesmo passado no esteio de suas encruzilhadas, de onde reponta a face mais dolorosa de entranhados genocídios e escravidões mais cruéis, ainda hoje manifestos sob outras formas, ainda mais perigosas porque sutis.

Para além do extenso repertório de desastres que acomete esta triste nação de minorias confortáveis em seus privilégios, nação varrida de lacerações, fruto de uma elite espúria, que não titubeia nunca e sempre nos lega cicatrizes e administração de sobejos, é importante dar vivas a um Brasil que resiste aos convites de seu próprio aniquilamento. E de que maneira haveremos de produzir antídotos à era da atrocidade que vivemos e não submergir ao tom rebarbativo das comemorações inócuas? Justamente pela afirmação da beleza, pelo espalhamento positivo da poesia, em homenagem, sim, mas à *anima* de nosso povo.

Também pelo contra-discurso se constrói a identidade brasileira, buscando-se sempre um sentido no caráter integrador da nacionalidade. Seja até pelo desmascaramento da falsa cordialidade nos encontros raciais. Seja pela paródia sarcástica, ou lírico-dramática que flagre olhares contrapostos à ordem. A agenda comemorativa do Descobrimento deveria ter-se descontentado do obaobismo vulgar e propor iniciativas para os indispensáveis debates de nossas enormes vulnerabilidades.

Nessa dimensão é que compreendemos o caráter do Descobrimento do Brasil e dos festejos de seus 500 anos. Nosso maior patrimônio, de par com a população que habita o país, é mesmo o idioma que falamos, oriundo de uma matriz ibérica, católica, contra-reformista, no plural de linguagens que nos estratifica e nos reúne. Este ser da linguagem plasma identidades muitas vezes conflitantes e os conflitos evidenciam nossas diferenças, diversidade de sotaques e temperamentos, agregados à unidade plural da língua que os absorve e legitima. Assim, de nossa parte, cremos, veiculamos o caráter integrador imprimido à estética da palavra literária no *Auto do Descobrimento: o romancista de vagas descobertas*, livro primeiramente editado em 1997 pela Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, no sul da Bahia.

Metaficção historiográfica que se dilui no esforço poético de resgate de nossos ecos afetivos com Portugal, no *Auto* preocupando menos a cena histórica como ela se teria dado, conforme o oficialismo das referências, e mais a prospecção do épos e da investitura lírico-dramática dos destinos individuais, inclusive das personas que figuram obscuras na historiografia feita de eventos, sem que se leve em conta a ontologia dos indivíduos inscritos nesses feitos. Tomamos *metaficção historiográfica* no sentido dos termos enunciados pela teórica canadense Linda Hutcheon (*Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991) de história ficcionalizada no texto literário ou auto-gnose da narrativa como fluxo híbrido, recontextualizando-se a História como matéria ficcionalmente produzida, uma segunda via da narrativa convencional.

O *Auto do Descobrimento* tem roteiro de transcrição, interagindo poeticamente com as circunstâncias históricas da chegada portuguesa à América. Exercício de transliteralizar o fenômeno histórico das aventuras ultramarinas, com o dramático investindo na possibilidade de reinterpretações, no formato romancioso, onde as descobertas são *vagas* e as *vagas* são descobertas, meu poema põe, substantiva e adjetivamente, personagens históricas contracenando com o devir poético e existencial de uma *colônia* emergente e recém *descoberta*. No prólogo, o narrador é um cego que antecipa prodígios de uma *gente valerosa*. Os versos do *Auto* vêm em medidas variadas, da velha redondilha medieval ao tentamen classicista, com sonoridade e ritmo de inspiração do Quinhentismo. O fio narrativo sofre bruscas interrupções, com subversão cronológica e visão projetiva, em ritmo de delírio profetizante, sentenças de poesia postas na boca de um grumete, que aqui se desvela:

*Secretos amores, ide  
onde por o mar lá vai  
andai, coração, andai  
que o sonho a si não elide.  
Meu corpo é meu lado errado  
minha voz é meu esquecimento  
meu peito é o maior momento  
da vida que hei pecado.  
Minha alma é que é degredo  
dano de mim e tormenta  
fera bruta, se alimenta  
da danação e do medo.  
Mas como alcançar resguardo  
do sonho se ele escapa  
e foge a qualquer tapa  
da sorte ou destino tardo?  
Fugi, procelas, fugi!  
Vencei, auroras, vencei!  
Que aquele que já foi rei  
de novo se apresta aqui.  
Abertas portas, decreta  
da contida calmaria  
dos ventos em nau secreta  
que o sonho é uma profecia.*

Em ambiência de sonho, aliás, antecipam-se, *profeticamente*, alguns *flashes* da história colonial (Inquisição, sebastianismo, jesuítas, bandeirantes, escravidão índia e negra etc.), em que poética e política se mesclam, rediscutindo traços da História, inclusive de alguns clichês que fazem a moldura canônica do Brasil e dos brasileiros.

No *Auto do Descobrimento* não há heróis, mas personagens (as históricas, inclusive) flagradas em suas motivações

aventureiras, seja pela cunha personalista ou de serviço a el-rei de um Portugal expansionista, enfeixado na postura destinatária de Cabral, que demonstra enunciar *a ânsia de pisar em terra nua / que pé nenhum antes de nós pisou*. Símbolos e alegorias se entrecruzam no texto, deixando entrever a composição social dos colonizadores, ao lado do vaticínio indígena: *os seus demônios são eles/sua vã cobiça e desgraça./ Quando fizerem deserto a terra,/ matarem a indiada/ aí se aquietarão, por certole aí também não sobrou nada*. A ira dos nativos se junta à dos africanos, numa releitura paródica dos instintos da terra contra a identidade predatória dos portugueses colonizadores. Na fala do Negro galvanizam-se todos os elementos de animadversão anímica à violência da espoliação escravocrata:

*Escravidão! Crueldade!  
Usa nosso sangue no melaço dos engenhos!  
Usa nosso leite pra amamentar os ioiôs!  
Usa nossos deuses pra afugentar maus empenhos!  
E as nossas mulheres para o gozo dos sinhôs.*

Antes de arvorar-se ao compromisso histórico, o *Auto do Descobrimento: romanceiro de vagas descobertas* dialoga intertextualmente com o patrimônio estético/lingüístico da tradição portuguesa, especialmente a poesia de Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões e Fernando Pessoa. Traveste-se ficcionalmente da História para melhor observá-la e, mesmo, interpretá-la, distante do crivo da ortodoxia sociológica ou historiográfica e pondo-se à disposição do engenho artístico da palavra literária — ainda que a alguns possa parecer falha ou insubstancial.

Pois a grande oportunidade de festejos por ocasião dos 500 anos do Brasil talvez sejam as descobertas (nada vagas) que faremos de nós mesmos como povo e nação.

Descobrimos do que realmente somos, longe do que nos habituamos ao complexo da servidão. Necessário desatar o nó de nossas miudezas, transformando a falência de nossas elites (políticas, sociais, econômicas, de cultura no gueto). Indispensável descobrir o quanto somos mal-educados para a promoção e distribuição da justiça e do direito, individuais e coletivos — traço manifesto em nossos mínimos gestos numa existência socialmente comprometida com eternos privilégios, exclusões aberrantes e desrespeito às normas éticas e intervencionais mais elementares.

Para superar as desconformidades de um país que tem seus olhos vazados para as dores dos humildes, reduzindo-lhes a auto-estima a níveis próximos do zero, urge descobrir (desvendar) verdadeiramente este país, reorientando-lhe as bases de sua edificação. É por isso que a Política e a Ideologia, aqui casadas com a Estética, terão proeminência cada vez mais acentuada. A aventura das caravelas cabralinas de há 500 anos, com seus riscos correlatos, terá agora outros contornos. Teremos de descobrir (refletir) uma identidade que nos liberte da cloaca moral que até aqui nos tem soterrado, condenando-nos a uma existência de vácuos, submetida a permanentes e cíclicos isolamentos de nós mesmos. Uma nação manietada na dependência extrema, nos vícios da submissão auto-comprazida, não pode mesmo aspirar a projetos de autonomia de vozes. Sua evolução já se compromete com o servilismo ainda no nascedouro.

Faminto e apaixonado pela ignorância e pela servidão compulsiva, jamais este país descobrirá novos fermentos identitários e fatalmente se alinhará nos últimos lotes da fila dos culturalmente fortes. O modelo primitivo de extrativismo no Brasil cedeu lugar a sofisticadas formas de colonização. Antes, pimenta e pau-brasil. Hoje, matérias-primas essenciais à

vida do planeta, riquezas do solo e do subsolo, poupança, bens e serviços estratégicos, junto com a alma (malsã) de eternos impaludados por uma dívida insanável. Sem o banquete da cultura, democraticamente estendida a todos os brasileiros, sem a poesia de seu idioma na boca e no coração de seu povo, nunca retiraremos nosso pé do atraso social e econômico. O que nos conduzirá de volta ao lugar de nossas origens, de onde emergimos com tão parca vitalidade humanista que parecemos ainda mais nus, com nossas ingênuas vergonhas expostas à cupidez do ouro, da prata e das incontáveis especiarias da modernidade.





## **IMPRESA UNIVERSITÁRIA**

---

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Luiz Henrique Farias

DESIGNER GRÁFICO: Cristovaldo C. da Silva

IMPRESSÃO: Davi Macêdo e André Andrade

FOTOMECÂNICA: Antônio Vitor

ACABAMENTO: Nivaldo Lisboa

SECRETÁRIO: Adilson Arouca